



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS APLICADAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURA, LINGUAGENS E
TECNOLOGIAS APLICADAS

ALAN BARBOSA DE SANTANA

AMÔLÊ.PEDASU- Retalhos de Acupe

Santo Amaro da Purificação

2024

ALAN BARBOSA DE SANTANA

Memorial

AMÔLÊ.PEDASU- Retalhos de Acupe

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, sob orientação da prof^ª. Dra^a. Waleska R. de M. Oliveira Martins.

Santo Amaro da Purificação

2024

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DO PROJETO DE
INTEGRAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS APLICADAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA.**

No dia 11 de dezembro de 2024 às 14:00h, no auditório Emanuel Araújo do CECULT, foi realizada a sessão pública de Defesa do Projeto de Integração do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, intitulado AMÔLÊ.PEDASU- RETALHOS DE ACUPE, de autoria do discente Alan Barbosa de Santana (Matrícula: 2018200702). Compuseram a Comissão Examinadora as professoras Franciane Rocha (docente do componente curricular Projeto de Integração em 2024.2) em substituição, por motivo de força maior, à professora Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins (Orientadora e Presidenta), Ana Maria de Oliveira Urpia (Avaliadora UFRB) e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus (Avaliadora UFRB). Iniciados os trabalhos, foi realizada a apresentação pública do Projeto de Integração, seguido dos questionamentos feitos pela Comissão Examinadora e defesa pública realizada pela/o discente. Depois deste momento, suspendeu-se a sessão por alguns instantes para reunião da Comissão Examinadora e emissão dos pareceres e notas. Retomada a Sessão de Defesa, o conceito atribuído ao trabalho foi:

APROVADO

APROVADO COM NECESSIDADE DE REVISÃO

REPROVADO

O trabalho atingiu a **nota 10,0** (dez), considerando a avaliação da banca. Nada mais a registrar, esta sessão pública de defesa do Projeto de Integração foi dada como finalizada, às 15h48h e eu, professora Franciane Rocha, em representação à orientadora e presidenta desta banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim, pelos membros da Comissão Examinadora, pela coordenação do colegiado do curso e pelo graduando.

Franciane Rocha

Ana Maria de Oliveira Urpia

Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus

Alan Barbosa de Santana

Emitido em 2024

ATA Nº 48/2024 - CECULT (11.01.56)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 17/12/2024 15:13)
RITA DE CASSIA DIAS PEREIRA DE JESUS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
1327511

(Assinado digitalmente em 17/12/2024 11:28)
FRANCIANE ROCHA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
1151571

(Assinado digitalmente em 17/12/2024 11:52)
ANA MARIA DE OLIVEIRA URPIA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
1226935

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sistemas.ufrb.edu.br/documentos/> informando seu número: **48**, ano: **2024**, tipo: **ATA**, data de emissão: **17/12/2024** e o código de verificação: **bb5d8e1c1a**

*À minha sobrinha Beatriz Barbosa,
que em algum momento essa colcha de retalhos,
te esquite do frio que faz nesse mundo.*

AGRADECIMENTOS

Como uma peça cuidadosamente costurada, este trabalho de conclusão de curso é fruto de muitos pontos, tecidos com dedicação, e a várias mãos. A cada etapa, foi como ajustar o molde: às vezes desafiador, mas sempre enriquecedor. Agradeço aos que estiveram comigo ao longo desta jornada.

Agradeço à força das águas que, assim como as cachoeiras, me inspiram com sua energia, renovação e determinação. Que eu possa carregar essa força comigo, permitindo que ela traga equilíbrio e frescor à minha jornada.

Aos meus pais, Eliana Barbosa e Dilson Dario, que com seu apoio formaram o tecido forte e acolhedor que me sustenta.

Ao primogênito da casa, Tiago Barbosa, pelas escutas e pela magia de ter dado som aos retalhos.

À Lais Lago e Natalia Rocha pelo cuidado e por terem me escolhido quando não tinha nada para oferecer além de mim mesmo.

À Sandra Bulcão, agradeço profundamente pela irmandade ao longo desses anos, um encontro que sinto ser ancestral, como se os caminhos estivessem alinhados há muito tempo.

À Luisa Oliveira, que há quase duas décadas tem sido minha aliada, sempre me tirando dos apuros e encontrando maneiras de me impulsionar.

À Waleska Rodrigues, por ser uma tecelã preciosa na minha jornada acadêmica, seu apoio foi como um fio que me guiou, tornando esse caminho mais forte e significativo.

À Juliana Carolina e Maia Gonçalves, pelo suporte nas fotografias e pelo encontro tão especial que foi como um vento leve e suave.

À Rita Dias e à Ana Urpia, por serem fontes de inspiração sensível e, além disso, por aceitarem o convite de avaliar este trabalho. Grato pela oportunidade de contar com a sabedoria e o carinho de ambas.

À Laura Bezerra, Ludmila Carvalho, Luciano Simões, Franciane Rocha e todos os docentes que me marcaram positivamente ao longo da graduação.

Ao Programa de Bolsa Permanência Quilombola, pelo suporte financeiro que me proporcionou vivenciar a experiência universitária com segurança.

Ao Programa de Iniciação Científica, por me apresentar novas possibilidades acadêmicas e profissionais.

À turma de 2018.2 Vespertino do BICULT. Éramos muitos no começo e passamos por tanto. Alguns seguiram outros caminhos, mas sou profundamente grato a cada um de vocês. Desejo muita prosperidade.

E a Acupe, minha quente terra; eu não seria nada sem esse chão. Obrigado, Acupe, pela oportunidade de existir, pela sabedoria que cada canto me ensina e pela permissão de contar minha história, que é a história de todos nós.

RESUMO: Este memorial apresenta o desenvolvimento do editorial experimental **AMÔLÊ.PEDASU: Retalhos de Acupe**, que busca construir para uma narrativa visual sobre a comunidade de Acupe/BA, a partir da minha visão: pessoal e biográfica. O objetivo é apresentar outras possibilidades dos registros fotográficos tradicionais da comunidade, que geralmente destacam suas manifestações culturais e festivas, para abordar temas como ancestralidade quilombola, formas de trabalho, fé, gênero, raça e representatividade. A metodologia utilizada envolveu a produção fotográfica e a manipulação das imagens, além de colagens digitais. O processo de criação também incluiu o uso de um caderno de desenho, onde as ideias e esboços iniciais foram materializados antes da construção final do editorial. A pesquisa gerou um produto visual experimental e que se entrelaça com minha trajetória pessoal, proporcionando uma nova compreensão sobre a minha comunidade e minhas raízes. Este trabalho não apenas registra as experiências, mas também reflete sobre as intersecções de minha cultura e identidade. O editorial busca ser uma ferramenta de reflexão, não apenas para a comunidade de Acupe, mas para qualquer público que tenha acesso a ele, convidando à análise sobre representatividade e memória. Em conclusão, o editorial representa um processo de autoconhecimento e transformação, sendo um reflexo da minha jornada enquanto pesquisador, e também um convite para expandir e aprofundar o entendimento sobre a cultura de Acupe.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa Visual; Ancestralidade Quilombola; Identidade.

ABSTRACT: This memorial presents the development of the experimental editorial **AMÔLÊ.PEDASU: Retalhos de Acupe**, which aims to construct a visual narrative about the community of Acupe/BA from my personal and biographical perspective. The objective is to explore alternative approaches to traditional photographic records of the community, which often highlight its cultural and festive manifestations, to address themes such as quilombola ancestry, forms of labor, faith, gender, race, and representation. The methodology involved photographic production and image manipulation, as well as digital collages. The creative process also included the use of a sketchbook, where initial ideas and drafts were materialized before the final construction of the editorial. The research generated an experimental visual product that intertwines with my personal journey, offering a new understanding of my community and my roots. This work not only documents experiences but also reflects on the intersections of my culture and identity. The editorial seeks to be a tool for reflection, not only for the Acupe community but also for any audience that accesses it, inviting an analysis of representation and memory. In conclusion, the editorial represents a process of self-discovery and transformation, serving as a reflection of my journey as a researcher and as an invitation to expand and deepen the understanding of Acupe's culture.

KEYWORDS: Visual Narrative; Quilombola Ancestry; Identity.

SUMÁRIO

1. ALINHAVO INICIAL	Amôlê-pedasu
10	
3. Kit de Costura - Lista de Materiais	14
4. AMÔLÊ.PEDASU- Retalhos de Acupe	17
4.1 RETALHO I: TERRA QUE FERVE: CULTURA E IDENTIDADE	Erro! Indicador
não definido.	
4.2 RETALHO II: O TRABALHO	23
4.3 RETALHO III: PODER&GLÓRIA	27
5. ACABAMENTO EM VIÉS	32
LINHAS GUIAS	33

1. ALINHAVO INICIAL

Esse memorial registra meu processo de criação do editorial *AMÔLÊ.PEDASU: Retalhos de Acupe*, como também mostra qual foi a trajetória percorrida até a edição piloto desse produto. O editorial visa, a partir de fotografias, criar uma narrativa sobre Acupe/BA, através da forma em que eu enxergo a minha comunidade e atravessando com minha experiência biográfica. Nesse produto, desvio o foco dos registros fotográficos comumente feitos sobre Acupe, pensando nas manifestações culturais e festivas – no qual não desconsidero seu valor de registro e memória –, mas trago o retrato da ancestralidade quilombola, das formas de trabalho acupenses, da fé encruzilhando com questões de gênero, raça, representatividade e território.

No capítulo *Amôlê-pedasu*, trato sobre o significado do termo que titula o editorial e guia a escrita desse memorial, como também justifico e fundamento teoricamente a escolha de criação desse produto. Trago aqui também alguns relatos da minha trajetória que me atravessaram durante todo o processo criativo. Já no item *Kit de Costura – Lista de Materiais*, trago a metodologia, onde combinou referenciais teóricos com processos de criação artística, utilizando o caderno de registro como ferramenta central. O caderno de registro foi utilizado para documentar ideias, reflexões, esboços e experimentações, funcionando como guia de construção do editorial. Também apresento os materiais utilizados na prática para a criação das fotografias do editorial.

No quarto capítulo, intitulado *Amôlê-pedasu: Retalhos de Acupe*, trago os subitens Retalhos. Em *RETALHO I: TERRA QUE FERVE: CULTURA E IDENTIDADE*, faço o percurso da ancestralidade acupense. Parto inicialmente do mar, trazendo o movimento de diáspora no qual os povos africanos foram forçados e desembarcam nessa terra. Em seguida, continuo o trajeto reforçando o quilombo Acupe, trazendo as manifestações culturais e como elas são os referenciais potentes em Acupe, sempre me fazendo a pergunta: Onde estão as manifestações para além do mês de julho? Busco aqui observar como nós, acupenses, nos reconhecemos (ou podemos nos reconhecer) nessas simbologias. No item seguinte, *RETALHO II: O TRABALHO*, discuto sobre a importância do trabalho para o povo negro acupense, referenciando alguns tipos de atividades realizadas na comunidade, desde as mais tradicionais até as mais novas. Já no

último sub-capítulo *RETALHO III: PODER&GLÓRIA*, o mais íntimo de todo o projeto, conto minha trajetória enquanto corpo que diverge da norma – porém, através das lentes da fé.

Ressalto que *AMÔLÊ.PEDASU: Retalhos de Acupe* não é uma verdade absoluta sobre Acupe. Esse editorial experimental tem a proposta de criar, com imagens, esse grande lençol de retalhos que é Acupe; numa doce, amorosa e não romântica visão pessoal da minha comunidade.

2. Amôlê-pedasu

Nos tempos de minha avó, restos de tecidos viravam retalho. A diferença na semântica dos termos é dada pelo valor atribuído. Resto de tecido é lixo que se descarta, já o retalho vira *fuxico*¹, toalha para enfeitar a mesa, tapete para tirar areia dos pés, lençol para se cobrir no frio. A costura de vários retalhos cria um novo tecido, único, moldado de acordo com as mais variadas necessidades - o importante é a beleza e a funcionalidade.

Na Ilha de São Tomé e Príncipe, país da África Central, existe um termo em *santome*² que abraça os sentimentos envolvidos nesse editorial, como também o intitula: *amôlê-pedasu*. De acordo com o Dicionário livre *santome/português* (Araújo; Hagemeyer, 2013), o termo *pedasu* significa manta ou peça de vestuário à base de retalhos. Porém, é separando as palavras que a composição do termo se torna mais especial para o contexto desse projeto: *amôlê* significa **amor** e *pedasu*, **pedaço**. Interpreto, então, como **amor em pedaços/retalhos**. São vários pedaços de mim, de Acupe, que juntos formam o amor; e é dessa forma que me costuro nas palavras e no processo criativo do editorial.

Mas, o que isso tem a ver com Acupe? Tudo. Para a criação desse editorial, precisei recorrer à minha Biblioteca de Alexandria: minha casa. E nessa (re)visita encontrei os lençóis de retalhos costurados por minha avó, numa época em que o dinheiro só tinha a função de matar a fome. Percebi que, igual àqueles lençóis, formados por pequenos pedaços de tecidos, que, a priori, podem não combinar esteticamente uns com os outros, Acupe também se costura. Tudo

¹ Fuxico é uma técnica de costura manual onde se dobra e costura círculos de tecido para formar pequenas flores.

² De acordo com o Dicionário livre *santome/português*, “O *santome*, também conhecido como *forro*, *fôlô*, *lungwa santome*, *dialeto* ou *são-tomense*, é uma língua crioula de base lexical portuguesa que surgiu no século xvi, na ilha de São Tomé, fruto do contacto entre o português e diversas línguas do continente africano. Depois do português, língua oficial, o *santome* é a segunda língua mais falada na República de São Tomé e Príncipe, mas não goza, atualmente, de estatuto oficial, embora tenha sido declarada uma das línguas nacionais, ao lado do angolano (*ngola*) e do principense (*lung’ie*.)” (Araújo; Hagemeyer, 2013, p. 11)

está estritamente ligado: não é possível falar de Acupe sem falar de quilombo, sem falar da pesca, da mariscagem, das manifestações culturais, da fé.

Engraçado como às vezes tudo parece fazer sentido: associo também esse conceito com a minha trajetória de pesquisa na graduação. Entrei na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) no segundo semestre de 2018, no Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT), mais especificamente no mês de setembro. Lembro do caos que a universidade se encontrava: calendário acadêmico desregulado, cortes e mais cortes de uma presidência pós-golpe, eleições e o risco iminente (que foi posteriormente concretizado), de um novo presidente que não amaldiçoarei meu memorial escrevendo seu nome.

Em meio a tudo isso, entrei na UFRB com uma ideia do que era uma universidade e um sonho, e acabei encontrando no BICULT a possibilidade de estudar tudo o que me fazia brilhar os olhos. Apesar de reconhecer tudo que foi positivamente vivido nesse período de graduação, gosto de não romantizar essa trajetória, pois ao longo dela tive que lidar com ações afirmativas de permanência, que só me alcançaram depois de um ano e meio de graduação. Foram muitos problemas com deslocamento até a universidade, “docentes” com poses progressistas, mas com posicionamentos prepotentes e racistas, fora o próprio cânone acadêmico que de vez em sempre fazia questão de desvalidar outras formas de saberes que pra mim são caríssimos. Ter Sandra Bulcão, amiga e parceira de batalha acupense durante a graduação, nesse apoio mútuo – desconfio que ancestral - foi muito importante para que não evadíssemos da universidade.

Encontrei também nesse percurso o programa de Iniciação Científica, onde fui acolhido e muito bem orientado por Waleska Oliveira Rodrigues Martins, docente e tecelã social dessa universidade. Através dela conheci o mundo da pesquisa e a possibilidade de carreira que nem sabia da existência. E dessa parceria surgiram planos de trabalho – nos quais fui orgulhosamente bolsista em todos - onde pesquisamos sobre cidades, festas, território, trabalho, mapeamentos; sempre tendo raça e gênero como fios condutores. Todas as pesquisas fizeram a palavra *Interdisciplinar* na nomenclatura do curso fazer sentido. Entendo o termo como uma forma de integrar várias áreas de conhecimento e fazer com o que as discussões – e soluções de problemas - consigam ser amplamente compartilhadas.

Penso na minha trajetória e no próprio curso BICULT como esse monte de retalhos costurados formando um grande lençol de conhecimento.

A pesquisa realizada aqui, para a construção do editorial, é sustentada a partir da interpretação de leituras referentes à construção e importância da valorização da identidade negra através das imagens/símbolos. A base de apoio teórico parte das reflexões e dos estudos de Neusa Santos Sousa, por exemplo. Ela reflete que a formação identitária no Brasil se constrói por meio de simbologias. Para a estudiosa, “[a]fastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (Souza, 1983, p. 46). E é remando contra essa branca maré que proponho um ponto de vista sobre Acupe através das imagens, para que novos imaginários possam ser fabulados por minha comunidade, reconhecendo em si e nos outros a herança ancestral deixada por nossos antepassados diaspóricos e indígenas.

Fazendo ponte entre as discussões de Souza e o contexto étnico racial brasileiro, foi utilizada a perspectiva de Kabenguele Munanga a respeito de identidade, no qual especifica que as concepções identitárias não são imutáveis, ou seja, o que significou ser negro a anos atrás, não é o mesmo que ser negro hoje e não será a mesma coisa no futuro. E é neste pensamento que se torna possível a ressignificação de conceitos raciais em Acupe, respeitando suas especificidades e utilizando de referenciais próprios - a cultura, o trabalho, relações de gênero, a fé etc. - como plataformas mobilizadoras. Para Kabenguele, “[e]ssa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns dos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social, etc.” (Munanga, 2008, p. 14). Logo, essa lacuna temporal, entre o que é estabelecido no presente e as perspectivas de futuro, será fundamental para a ressignificação da forma de enxergar os símbolos estéticos de Acupe, associado à formação de identidades individuais e posteriormente, de maneira coletiva.

Pensando também na decolonialidade, apresentada por Erick Torrico (2019), que apresento as imagens do editorial, pois penso nesse produto como uma forma de criar novas representações e imaginários para Acupe, visando

[...] desestruturar a lógica do mecanismo opressivo e sua justificativa teórica, com o uso de um posicionamento histórico e epistemológico cujo núcleo é a subalternidade. A subalternidade define a condição geral de submissão forçada (política, econômica, cultural, de gênero, idade, “raça”, educação etc.) sofrida por um grupo humano e, portanto, implica um local específico, na base da estrutura social, a partir da qual se forma um ponto de vista cognitivo e mobilizador que é inevitavelmente crítico e orientado para a libertação (Torrico, 2019, p. 100).

Nesse sentido, para além do próprio editorial, do meu corpo na Universidade, escolhi “[...] desestruturar a lógica do mecanismo opressivo e sua justificativa teórica [...]” (Torrice, 2019, p. 100) também através dessa escrita do memorial. A estrutura convencional da academia pede, muitas vezes, termos como “introdução”, “objetivo”, “metodologia”, “referências”, “fundamentação teórica”, etc. Pensando no grande novelo que é esse espaço de conhecimento (é verdade! Mas nunca o único), mas refletindo também sobre a costura que proponho e com a linha que quero alinhar o editorial, os nomes foram metaforizados (Introdução, por exemplo, se transformou em “Alinhavo inicial”, a Metodologia ganha vida no título “Kit de costura”; as Considerações finais viraram “Acabamentos em viés” e as Referências se transformaram em “Linhas guias”). Isso, de certa forma, rasura a colocação de superioridade do academicismo (há muito tempo já questionada).

Escolher produzir um editorial fotográfico foi um retorno ao meu eu criança, o primeiro ancestral. Lembro que na infância, e início da adolescência, tive uma vizinha que assinava e acumulava revistas de fofoca e de moda (Capricho, Elle e Vogue Brasil), e quando esse material já não lhe servia mais, ela deixava na minha casa. Minha mãe usava essas revistas para recortar e auxiliar nos trabalhos escolares. Mas, para mim, em uma época sem internet, os editoriais eram a janela para enxergar o mundo. Eu passava horas me imaginando naquelas páginas: não sabia se queria ser *Naomi Campbell* ou estar ao lado dela.

3. Kit de Costura – Lista de Materiais

Antes de adentrar na costura dessa colcha de retalhos, que é o editorial, acho importante compreender os materiais utilizados e os processos de modelagem. Penso nesse item como uma proposta, uma abordagem decolonial, para repensar as nomenclaturas tradicionais, do que chamaríamos aqui de metodologia, como um desafio aos paradigmas eurocêntricos e ao cânone acadêmico – como já colocado brevemente acima.

Os materiais para tirar as fotografias foram:

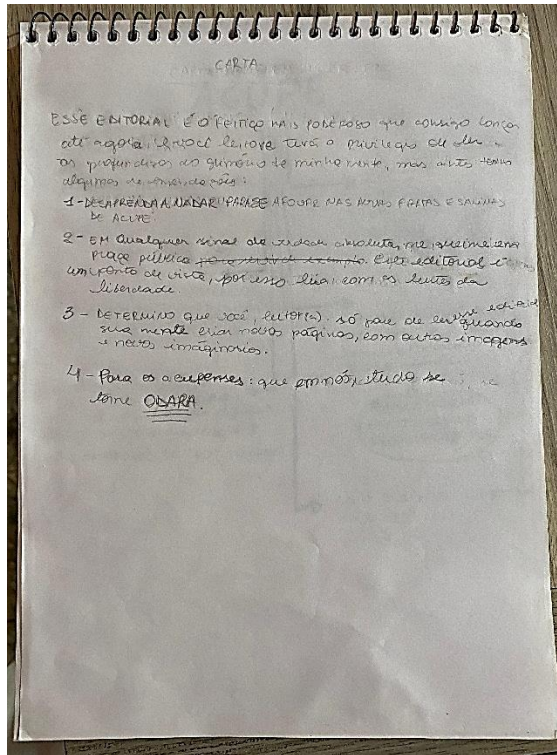
- Câmera Fotográfica Modelo Canon 5d Mark II
- Lente Canon EF 50mm 1.4
- Lente Canon Zoom EF 70-300MM f/4 IS USM
- Tripé: Manfrotto 546/504Hd
- Iphone 11

Com exceção do Iphone 11, que é de uso pessoal, todos os materiais foram disponibilizados pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Para a edição, manipulação das imagens e diagramação do editorial foram utilizados os softwares *Adobe InDesign* e o *Adobe Photoshop CC*: ambos licenciados e disponibilizados nos computadores do Laboratório de Informática do CECULT. Utilizei também a plataforma Canva para construir as colagens artísticas digitais. Esse processo durou em torno de um mês (depois dos primeiros moldes no caderno de desenho), pois não realizei na ordem dos capítulos - fui produzindo na medida em que as fotografias iam sendo tiradas.

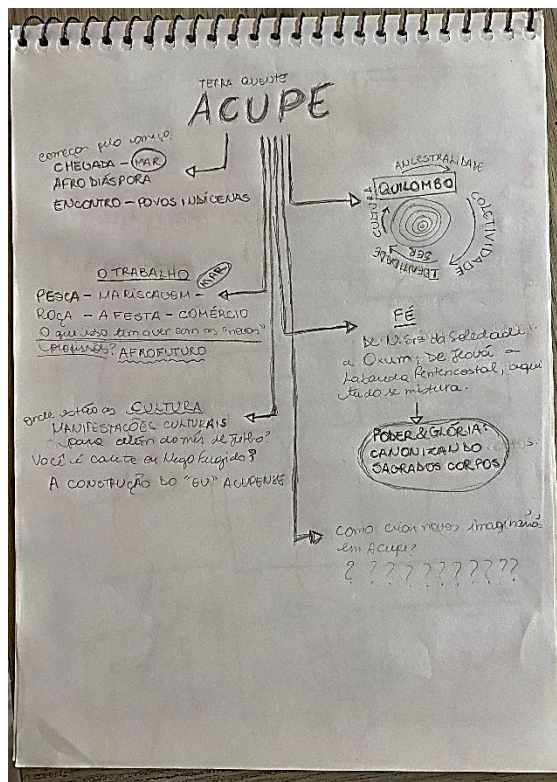
O editorial foi conceituado e modelado primeiramente no papel. Usei um caderno de desenho sem pautas, de 96 páginas para materializar as imagens criadas pela minha mente - Trato os textos escritos nesse caderno também como imagens – traçando a sequência de escrita que fez sentido para mim, pois compreendo, assim como Maria Elisangela Costa Lima (2023), que o caderno é um suporte para o registro, que materializa e potencializa o processo criador. O caderno me acompanhou durante todo o tempo, tanto na produção do memorial quanto na feitura do editorial. Na verdade, ele funcionou como uma página de moldes que geralmente acompanham as revistas de moda e costura. Logo abaixo, compartilho algumas imagens desse caderno (Imagem 1, Imagem 2 e Imagem 3), para que também possam apreciar esse processo.

Imagem 1. Fotografia do primeiro texto que conceitua o editorial, 2024.



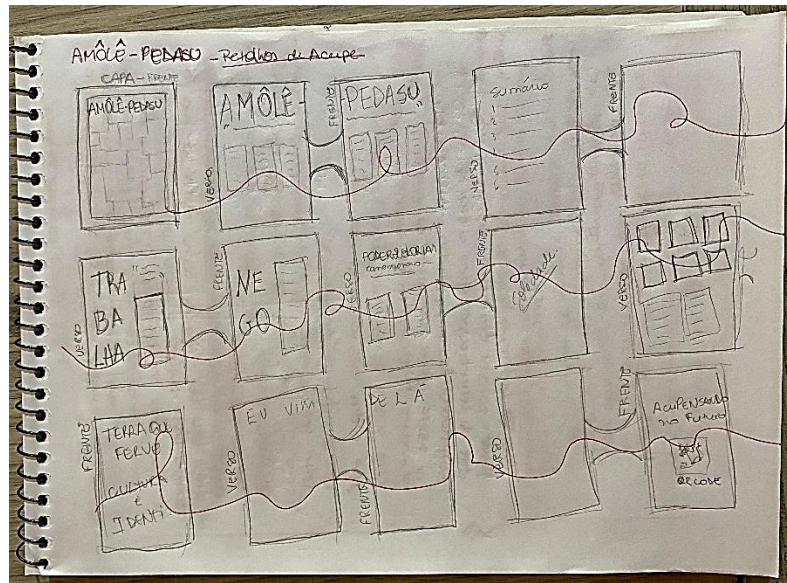
Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Imagem 2. Fotografia do mapa que gerou o sumário, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Imagem 3. Fotografia do esquema de diagramação do editorial, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Antes das fotografias, comecei um movimento de cartografia pela comunidade, andando pelas ruas com um olhar diferente, mais apurado e tentando observar as nuances que passam batidas no cotidiano (essa etapa durou em torno de 3 meses). As imagens foram todas tiradas em Acupe. Parte delas por mim, com o celular, em minhas andanças pela comunidade; outras com o equipamento disponibilizado pelo CECULT/UFRB nas ruas. As imagens tiradas no Porto de Acupe foram concebidas com o equipamento e auxílio de Maia Gonçalves, Juliana Carolina e Sandra Bulcão (particpei da produção de seu documentário e gentilmente ela me cedeu o equipamento e ideias para as fotos). No capítulo *RETALHO III: PODER&GLÓRIA*, único em que estou em cena, as fotografias foram feitas por Juliana Carolina e as colagens feitas por mim.

4. AMÔLÊ.PEDASU- Retalhos de Acupe

Agora começo, de fato, a costurar os retalhos. A seguir, alinhio/descrevo a criação do editorial **AMÔLÊ.PEDASU: Retalhos de Acupe**, apresentando o caminho até sua edição piloto. Nesses retalhos, busco construir uma narrativa sobre Acupe/BA, a partir da minha visão e experiência biográfica. Aqui estarão em destaque a ancestralidade quilombola, as relações de trabalho local e a intersecção de fé, gênero, raça, representatividade e território.

4.1 RETALHO I: TERRA QUE FERVE: CULTURA E IDENTIDADE

Após separar os materiais e enfiar a linha na agulha, chegou o momento de começar a costurar este lençol. Com este primeiro retalho, vou traçar o percurso de onde venho, de onde todo o meu povo acupense veio e como se estabeleceu nessa terra.

Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, é uma das comunidades quilombolas do recôncavo baiano com uma população ativa na sua cultura ancestral. A comunidade, predominantemente composta por descendentes de africanos e originários Tupinambás, preserva suas raízes por meio de práticas culturais que se apresentam nos modos de vida que ainda marcam o cotidiano dos acupenses. O envolvimento da população nas práticas culturais e na transmissão de saberes para as novas gerações é um dos principais pilares da resistência e da identidade local.

Os povos africanos que cruzaram o Atlântico, dos quais nós acupenses somos descendentes, foram forçados a atravessar o mar durante o período cruel e traiçoeiro da colonização, separados de suas famílias, línguas, culturas e terras. Ao mesmo tempo, os povos originários, que são os verdadeiros donos dessa terra, enfrentavam um processo de extermínio e epistemicídio. Neste território, os negros escravizados, uma vez alforriados, e os povos indígenas tupinambás — que nomearam a comunidade de Acupe (que significa "Terra Quente") — se estabeleceram nesta região do Recôncavo, hoje reconhecida enquanto um quilombo. A comunidade obteve o título de comunidade quilombola no ano de 2010, após a criação da Associação Quilombola de Acupe, que ocorreu entre 2009 e 2010.

Este capítulo não pretende recriar o percurso burocrático de Acupe até a certificação como comunidade quilombola. O objetivo aqui é fabular a travessia pelo mar e destacar a forma como nosso povo consegue se organizar dentro da lógica circular e ancestral dos quilombos.

A simbologia do mar, central neste retalho do editorial, serve como metáfora para narrar a chegada dos povos africanos escravizados, que ao desembarcarem, se reorganizaram socialmente em busca da liberdade. A maior referência dessa resistência está nas histórias vividas nas manifestações culturais, especialmente na aparição do Nego Fugido, que preserva e transmite a memória de um processo de luta e sobrevivência. Nesse sentido, estreitando essa linha temporal de passado, presente e futuro, que Sibeles Bulcão Passos (2019), no resumo "*Dança, relações étnico-raciais e educação*", publicado nos *Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA*, diz:

O “Nego fugido” traz ancestralidade ligada a história da comunidade quilombola que vivenciou tensões e violações brutas nos corpos dos ancestrais da comunidade, não tão distanciadas da realidade atual, visto que há um passado-presente reconfigurado no total abandono das estruturas e sequelas sociais perceptíveis nesta localidade. (Conrado; Oliveira; Passos; Oliveira, 2016, p. 1945).

"Acupe, cujo nome já diz: Terra Quente, onde a cultura é fluente e jamais morrerá... não, não, não...". Esse trecho, cantado pela banda de reggae acupense **Só Roots**, na música "Acupe"³, consegue captar a energia que emerge dessa terra; e é aí que a costura desse primeiro retalho ganha mais potência. Aqui, meu olhar também se lança sobre a preciosa cultura quilombola que reluz na comunidade, sobre as manifestações culturais que, como ouro, abrilhanta e fortalece a identidade racial negra em Acupe. Quero ir para além da celebração de julho, quero buscar entender como essas expressões, essas raízes se espalham e se afirmam nos outros dias do ano. Em Acupe, a cultura não tem data: ela é perpétua, em cada dança, tecido, cantigas, em cada batuque.

Mas, vamos começar a costura, de maneira breve, por este mês tão repleto de retalhos/manifestações. Dentro do calendário cultural do distrito, podemos destacar as ações no mês de julho, quando as manifestações culturais como, por exemplo, o **Nego Fugido**, **Careta de Palha**, **Mandus e Bombachas** estremecem as ruas de Acupe durante todos os domingos. Nesse subcapítulo, decidi reduzir a utilização de referenciais acadêmicos e dar foco à experiência sensorial e visual das manifestações culturais de Acupe.

Acredito que a vivência e o olhar atento para as práticas culturais vão oferecer uma compreensão mais profunda sobre o que é produzido e vivido por mim e pela minha comunidade, para dar mais proximidade na produção das fotografias do editorial. No entanto, farei uma exceção quando as fontes acadêmicas forem originadas por intelectuais acupenses, pois entendo que beber a água direto da fonte possui um sabor único, trazendo um gosto mais íntimo e legítimo sobre a cultura. Nesse sentido, concordo com Neusa Santos Sousa (1983): uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Sendo assim, procuro narrar da melhor forma Acupe, que tem em suas aparições uma manifestação de sua história, identidade e resistência.

Começo com a mais famosa e emblemática – o **Nego Fugido** (imagem 4) – único no mundo inteiro. Nessa milenar e ancestral manifestação, na qual não possui registros de quando começou, retrata a verdadeira história de libertação dos povos escravizados, a história não

³ Música da banda de reggae acupense **Só Roots**, disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=i25IGZuQH_U > Acesso: 15 nov. 2024.

contada nos livros didáticos. Aqui não existe princesa Isabel, nem uma liberdade dada pelo branco colonizador; nessa aparição quem consegue a liberdade é a base, o seio, o coletivo preto.

Imagem 4. Nego Fugido, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Em um relatório feito juntamente com Sandra Bulcão (acupense), para o componente *Experiências e Teorias da Cultura- Enfoque I: Teorias da Cultura, Estado e Política* em 2019, descrevemos que o **Nego Fugido** é uma manifestação cultural onde retrata artisticamente, a luta e resistência dos negros escravizados em tentativa de fuga e liberdade dos engenhos. Fazem parte da aparição os seguintes personagens: capitão do mato, caçadores, negas, madrinha, rei, soldados, tocadores e cantadores. Cada um desses personagens é inspirado na realidade de todo processo de escravização (sofrimentos, mortes, luta e libertação). Acho interessante como Nelson Araújo (1986), no livro *Pequenos Mundos - Um Panorama da Cultura Popular da Bahia*, retrata o **Nego Fugido**. O autor diz que “[...] o argumento do nego-fugido é a perseguição, captura e libertação de escravos escapados ao domínio dos seus senhores.” (Araújo, 1986, p. 82).

Antes de seguir, quero abrir um parêntese, trazendo o exemplo do **Nego Fugido** para provocar uma reflexão sobre essas tentativas de classificação. Afinal, o que é o **Nego Fugido**? Teatro? Dança? Performance? Eu te desafio, caro leitor, a tentar encaixar essa manifestação ou qualquer outra de Acupe em uma única categoria. Ela carrega elementos de várias linguagens artísticas, mas não se limita a nenhuma delas. Lembro-me de um episódio recente, em julho desse ano (2024), quando um colega de fora, durante a prisão do rei no último domingo, me questionou insistentemente sobre qual música tocava no **Nego Fugido**: se era samba de roda, candomblé ou algo específico. Minha resposta foi simples e direta: "É o que é: Nego Fugido."

Em Acupe, muitos dos que hoje chegaram em espaços acadêmicos – como Sibebe Bulcão, Sandra Bulcão e Monilson Pinto, citados ao longo deste memorial – têm muito a compartilhar sobre a nossa cultura. Porém, sempre com uma cuidadosa postura, eles conceituam os elementos das manifestações culturais de nossa terra sem aprisioná-los em caixas. Então, se nós, que vivemos e respiramos essa energia ancestral em Acupe, não ousamos definir nossas próprias manifestações culturais, por que a ousadia de tentar fazer? É como Xênia França canta na música “Pra que me chamas”, no álbum Xenia, de 2020: “Porque tu me chamas, se não me conheces?”.

Seguindo a costura, no mês de julho Acupe se transforma em um palco vibrante com as aparições das **Caretas de Palha, Mandus e Bombachos**, que tomam as ruas acompanhados por um samba de roda. As **Caretas de Palha** (imagem 5), com suas máscaras artesanais feitas de barro branco, papel de saco de cimento e goma de mandioca, sempre trazem uma estética inclinada para o horror. Seus trajes, com saias de palha de bananeira e tecidos coloridos, carregam a história de resistência e fuga, mas levando para as ruas de uma forma leve.

Imagem 5. Caretas de Palha, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Dizem os mais antigos, que as Caretas surgiram quando, em uma festa feita por um senhor de engenho, um negro escravizado se disfarçou de careta, dançou com os convidados e

depois conseguiu escapar. O ato de “escarrerar” – a palavra que usamos aqui para descrever a ação de correr atrás das pessoas – é uma das características mais marcantes dessa aparição. A comunidade, e em especial as crianças, apesar de ficarem assustadas com a aparência das máscaras, adoram provocá-las só para que corram atrás delas, como um reflexo do desejo de fuga que permeia essa manifestação.

Junto às Caretas, os **Mandus e Bombachos** (imagem 6) surgem como figuras misteriosas e cômicas, com a missão de afastar as energias negativas da comunidade. O Mandu, envolto em um tecido que cria a ilusão de um ser de estatura baixa e com uma cabeça desproporcional, mistura o místico e o engraçado. Sua dança, sua forma de se movimentar, é uma prova de que há mais do que olhos podem ver.

Imagem 6. Mandus e Bombachos, 2018.



Fonte: Cristiane Pereira, 2018.

Já os Bombachos ou Bombachas, feito com um único tecido que cobre braços e rosto, é enigmático. Ambas as aparições, assim como as Caretas, compartilham uma característica de outras manifestações de Acupe: o esconder rosto, da identidade. Nesse sentido, lembro de uma conversa que tive com Sibeles Bulcão⁴ e ela me fez uma provocação profunda: ao pintar o rosto ou cobri-lo com máscaras, as manifestações culturais de Acupe estão escondendo ou revelando algo? Uma questão que abre um vasto campo para refletirmos sobre as camadas de identidade

⁴ Amiga, bailarina, assistente social, arte-educadora, intérprete de libras e licenciada em Dança pela UFBA.

e que tomo como ponto importante para criar as imagens do editorial. Essa provocação ainda ecoa na minha mente. Ao refletir sobre as manifestações culturais de Acupe, tenho me convencido de que elas não escondem os rostos por uma questão estética ou misteriosa, mas para invocar e evocar o ancestral. Ao cobrir seus rostos com máscaras ou pinturas, a comunidade rememora as histórias de resistência que atravessam séculos. Essa prática ancestral não é apenas simbólica, é um chamado, um ato reverenciar as energias que jamais se dissipam. Fazendo isso, ao invocar o ancestral, essas manifestações oferecem um alívio para as almas de um povo que ainda carrega a dor da escravidão e do silenciamento. Elas continuam a clamar, até que a verdadeira liberdade, seja finalmente conquistada.

E é nesse ponto que vejo a magia e poder das aparições culturais de Acupe: elas não são apenas um espetáculo. Elas são um reflexo profundo da história de resistência do povo acupense. Esses símbolos estéticos e corpóreos funcionam como um *abebé*, um espelho sagrado que reflete não o que vemos, mas o que somos. Eles nos ligam com algo que transcende o tempo, uma linha invisível que nos conecta diretamente aos nossos ancestrais. E mais importante, nos lembram de que a liberdade não é um ponto final, mas uma jornada que demanda luta, memória e transformação.

4.2 RETALHO II: O TRABALHO

Neste segundo retalho, posiciono minha agulha para um ponto cruz(cial) na organização social de qualquer comunidade: o trabalho. Começo esse bordado lembrando de umas publicações no Instagram que tinham dizeres do tipo “*trabalhe enquanto eles dormem, que assim você alcançará sucesso e riqueza*”, “*ascensão financeira só vem se você trabalhar bastante*”, uns papinhos de quem sempre dormiu enquanto os outros trabalhavam. Não farei nesse sub-capítulo qualquer juízo se desejar dinheiro e riqueza é certo ou errado, ou se isso reforça alguma estrutura capitalista. A única certeza que tenho é que o dinheiro em abundância e uma gestão honesta e igualitária resolveria parte dos problemas de meu povo e nós raramente temos a oportunidade de experienciar a tranquilidade que esse *acué*⁵ proporciona.

Chega a ser cômico como a meritocracia é vista por alguns como a ponte para a riqueza – na maneira mais capitalista da palavra. Porém, fiquei pensando em Acupe: uma comunidade quilombola, composta majoritariamente por descendentes de pessoas negras escravizadas, que

⁵ Palavra em Pajubá, dialeto criado por travestis e popularizado na comunidade LGBTQIAPN+, misturando o português com termos em yorubá, no qual significa dinheiro.

vive em situação de abandono e descaso social, sobrevivendo de trabalhos manuais sem alcançar grandes fortunas. Então, a magia do mérito serve pra quem? Quero levantar essa discussão com duas perguntas: Primeiro, se trabalhar tanto resulta em riqueza, porque meu povo ainda não está milionário? E segundo, sem romantizar, qual a riqueza gerada pelo trabalho dos acupenses?

A resposta da primeira pergunta pra mim é muito clara: racismo e desigualdade – não só, mas principalmente. Nunca foi desejo do branco, aquele que se colocou no topo da pirâmide social, que as pessoas negras e indígenas atingissem os mesmos status que eles, porque isso quebraria a hierarquia social-econômica construída, a partir da dominação e da separação por classes. Nesse sentido, concordo com Beatriz do Nascimento (2010, p. 53) quando ela diz que numa sociedade como a nossa, onde a “[...] dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preenchê-los”.

Segundo a Agência IBGE de Notícias (2023), em pesquisa realizada em 2022, apesar de representarmos mais da metade da população brasileira, as pessoas negras continuam tendo menor acesso a oportunidades de trabalho, qualificação educacional, condições de vida adequadas e segurança pública. O estudo ainda diz que: “Em 2021, considerando-se a linha de pobreza monetária proposta pelo Banco Mundial, a proporção de pessoas pobres no país era de 18,6% entre os brancos e praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) [...]”⁶

Isso revela os tristes dados da desigualdade racial significativa no Brasil, especialmente no que se refere à pobreza. A diferença nos indicadores de pobreza entre brancos e pretos evidencia que a população negra está em uma situação de vulnerabilidade econômica muito mais grave do que as pessoas brancas. Esses dados também dizem muito sobre Acupe, pois sendo uma cidade do interior da Bahia – onde as oportunidades já são reduzidas - as possibilidades de trabalho com registro formal são limitadas, então a população busca outras alternativas de sobrevivência: como a pesca artesanal, a mariscagem, atividades rurais e outros trabalhos como mototáxi, motorista de van, rifa e comércio.

O que indica também que não ocupamos os índices de pobreza por não trabalhar, mas sim pelo baixo retorno financeiro que é dado a todo esse esforço. No dia em que tirei as fotos no Porto de Acupe, por exemplo, pela manhã bem cedinho, fizemos um passeio de canoa. Numa conversa informal, alguém perguntou a um dos trabalhadores, que estava indo pescar, que horas

⁶ Notícia disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>. Acesso em: 12 nov. 2024.

eles retornariam pra casa, e eles responderam que não sabiam, que iria depender da maré: poderia ser 17h da tarde ou 22h da noite. Esse é um exemplo do tempo de trabalho que é exercido por um pescador acupense, que extrapola as discussões atuais sobre escalas de trabalhos.

Respondendo a segunda pergunta (sobre qual a riqueza gerada pelo trabalho dos acupenses?), trago primeiramente as atividades de pesca e mariscagem exercidas pela maioria da população acupense - uma atividade que ficou de herança ancestral dos povos originários dessa terra. É no caminho das águas que reluz o mais precioso ouro de Acupe: os mariscos e os pescados (24 quilates, pesado e puro, fonte ancestral de sobrevivência). É do Porto que gerações puderam tecer redes de presentes e futuros prósperos – costuradas por mãos calejadas e suores que avolumavam o mar. Pinto (2021) relata a ancestralidade latente que os acupenses tem com essa riqueza que vem dos mares. Nesse sentido, o pesquisador diz:

O porto de Acupe, que outrora escoava a produção de açúcar dos engenhos da região para Salvador, ainda hoje, é um local que congrega a maior parte da população da comunidade, nos momentos de saída e retorno das canoas de pesca para o mar. É no vai e vem das marés, “fonte e origem da vida” socioeconômica do Recôncavo que, continuamente, são gerados os acontecimentos e as mudanças que afetam a comunidade. É durante as atividades cotidianas de enfrentamento do mar, nas lamas dos manguezais ou nos recifes, que se manifestam as “artes” (como se referem os pescadores) rudimentares da pesca, a saber: as redes grosseiras e de caça e pesca de peixes, as reça 65 de peixotes e tainhas, o monzoá de caça de siri e caranguejo, das redesde arrasto, das redinhas e reça de camarão e tantas outras “artes” desenvolvidas pelos moradores do quilombo do Vai-quem-quer, como sobrevivência e resistência às violências impostas pelo Senhor Francisco Gonsalves. (Pinto, 2021, p. 143)

A principal atividade da população local é a pesca artesanal e a mariscagem, funções essas que em boa parte das famílias se tornam a única fonte de renda. A comunidade se caracteriza por ser uma das maiores comunidades pesqueiras do Estado e por possuir uma grande diversidade de espécies.

Imagem 7. Porto de Acupe, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Tenho na memória lembranças da infância brincando no Porto em meio às redes e canoas. Todos esses momentos foram reativados no dia 28/10/2024, quando estive na produção do documentário de Sandra Bulcão. Algumas cenas foram gravadas no Porto e ali também fiz fotografias dos pescadores que estão presentes no editorial. Busquei capturar, para além das pessoas, os momentos, a preparação das canoas, a chegada e saída no Porto, a preparação da rede e o momento em que a população chega para comprar o pescado.

Imagem 8. Pescador preparando a rede, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

É pensando nesse momento de captura das imagens que respondo à segunda pergunta. A riqueza do trabalho acupense vem, primeiramente, da ancestralidade, do modo único de pescar e mariscar. Como disse no início do parágrafo anterior, foram essas as principais fontes de rendas que fizeram com que a minha geração, por exemplo, pudesse chegar até a universidade e fabular diferentes futuros.

Queria trazer outro ponto forte do meu povo: saber fazer festa, comemorar e celebrar a vida, seja por festas religiosas, culturais ou até mesmo pra fazer campanha política de candidato que ninguém sabe o número. Mas vejo que o acupense tem o poder de tocar nas coisas e transformar em dinheiro, isso acontece também nas festas da comunidade. Quando se trata de festa, gostaria de destacar aqui o período da semana santa, quando a cidade recebe um significativo número de visitantes para os blocos de carnaval fora da época e para a Feira do Porto, a única festividade calendarizada pelo município.

De acordo com relatos colhidos na Iniciação Científica, que fiz no período entre 2022-2023, intitulada “*A cultura festiva como emancipação das mulheres de Santo Amaro (BA)*”, a Feira do Porto não possui uma data de surgimento, mas contam que começou quando os mercadores da capital de Salvador desembarcavam no porto de Acupe. O comércio, por essa via, era mais forte, e buscava-se a compra e a venda de produtos como mariscos, pescados, azeite de dendê, camarão seco, quiabo e etc. Esse movimento acontecia com mais força no período da sexta-feira Santa, quando havia uma procura maior por esses tipos de produtos, resultando também em um fluxo maior de pessoas das redondezas em Acupe. Veja bem, Acupe é produtor de todos os alimentos comercializados no porto, então podemos compreender que esse comércio, mais forte no período da semana santa, é mais uma forma de aumentar a renda, já que esse comércio é comum na vida dos acupenses.

Com o passar do tempo, esse comércio no Porto se transformou em uma grande festa popular, com apresentação de artistas nos palcos montados no Porto de Cima. A comercialização de produtos foi expandida, sendo feita em barracas e abarcando também a gastronomia local, com a venda de comidas típicas e a arte, através da feira de artesanatos. É por esse caminho que Ariel Silva (2014) sintetiza a capacidade da festa de alterar e potencializar as relações sociais, mas não descarta a influência de estruturas econômicas e simbólicas (no qual compreende todas as representações atreladas à festa). Todavia, as edições mais recentes da Feira do Porto perderam essa característica mercadológica, se tornando uma festa procurada apenas pelo caráter musical.

A Feira do Porto marcava a potencialidade quilombola de Acupe. Essa festividade refaz o trajeto ancestral - sem qualquer tipo de romantização - feito pelas pessoas escravizadas nesse

território e reafirmando a identidade do quilombo. Visto isso, é interessante analisar essa relação entre cidade e festa a partir de Amáli Bezerra (2008), no qual trata a festa enquanto ferramenta de reafirmação identitária das cidades, pois tem o poder de atingir e mobilizar geograficamente - e simbolicamente - as pessoas.

No editorial busquei reimaginar como seria a Feira do Porto se fosse hoje, usando os relatos dos meus velhos, principalmente de minha mãe. Então fui lá no porto, na rua de Dinalva's Bar (conhecido como antigo Bar do Arrocha), e dessa forma fotografei a rua por alguns ângulos e sobrepus com ilustrações referenciando como a festa acontecia antigamente.

4.3 RETALHO III: PODER&GLÓRIA

Me furei várias vezes com a agulha enferrujada na costura deste retalho e, diante mão, peço desculpas, caso esta parte do lençol guarde marcas do sangue que derramei. Infelizmente, por mais que se lave com o alvejante mais forte, essa mancha vai permanecer, como um eco imutável de dor que, como a de tantas pessoas LGBTQIAPN⁷, é feita de violência e silenciamento. A mancha resiste, mesmo quando tentamos arrancar da alma – permanecendo como um eterno lembrete de que o presente dado pela sociedade para corpos como o meu, é o sufocamento.

Nesse sub-capítulo, o fio condutor é a minha vida. Coloco aqui minha trajetória de compreensão de um corpo acupense lido como “figura problemática, uma personagem que incomoda, corruptiva das imagens estáveis [...]” (Zamboni, 2016, p. 12), mas atravessando com a fé, entre o catolicismo no qual convivi ativamente por 12 anos, e a descoberta da fé fora dos templos.

Essa história (ou costura) tem como ponto de partida a capital, Salvador. Minha mãe, ainda jovem, deixou Acupe em busca de melhores condições de trabalho e, no caminho, conheceu meu pai, soteropolitano e morador do bairro da Pero Vaz. Por isso, passei muitos anos vivendo na periferia da cidade, no bairro de São Caetano. Meu primeiro contato com a igreja católica foi com 7 anos de idade, quando minha mãe começou a frequentar regularmente as missas na Paróquia de São Caetano da Divina Providência. Ali fui crescendo, fazendo catequese e participando de tudo que a igreja tinha a oferecer: fiz Primeira Comunhão,

⁷ Sigla para Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não binário e o + representa as outras orientações sexuais e identidades de gêneros.

participei de coral, grupo de jovens, teatro, não perdia um retiro - só não fui coroinha porque nunca me deram essa oportunidade.

Naquela época, ainda criança, comecei a sentir o peso do preconceito por ser uma criança afeminada. Em casa, na escola, na igreja, minha maneira de andar, de me comportar, até de falar, eram constantemente questionadas por todos ao meu redor, principalmente os adultos. Fui uma criança muito criativa e próxima das artes; mas aos poucos, essa essência foi sendo arrancada de mim — não de maneira explícita, mas de forma perversa, silenciosa. Frases como “anda direito”, “fala como homem” se tornaram um eco constante na minha mente, repetidas a cada dia, sem parar. Na escola, na igreja, a diferença de tratamento era nítida e dolorosa.

Os adultos, sempre com suas atitudes de limitação e censura, me tratavam de forma que não se via com outros colegas que atendiam a norma. Era como se minha presença, minha forma de ser, precisasse ser silenciada, como se eu fosse um erro a ser corrigido – e a costura não alinhavava. Eu tinha essa noção desde muito criança, apesar de não conhecer a sigla (que não para de crescer hoje em dia), mas sabia que tinha algo de diferente e que eu não sabia nomear. Os outros achavam que era um problema; mas ninguém jamais se deu ao trabalho de me explicar o que era, nem de tentar entender.

Nesse tempo, minha vida era dividida entre Salvador e Acupe. Lembro que, quando estava em Acupe, a liberdade era maior, pois meus pais e minha avó Celina (em memória) me deixavam ganhar as ruas como se o mundo se estendesse sem muitas limitações. Nisso, eu me divertia com meus primos e amigos. O bullying existia, mas não tinha o peso que viria a ter em Salvador. Em Acupe, eu ainda tinha o direito de ser uma criança, de ser quem eu era, sem ser completamente despedaçado/retalhado pelas palavras alheias. Meus problemas começaram de fato na adolescência, quando a gente começa a construir as tribos e a buscar por uma personalidade que chame atenção do outro é mais forte. Lembro que minha adolescência em Acupe foi uma faca de dois gumes: por um lado, estar em Acupe me deixava mais livre pra ser quem eu era, sem muitas amarras; mas, por outro, precisei lidar com a rejeição e exclusão.

Na época, meus irmãos e primos sempre se organizavam para ir às festas ou ficar na praça. Eu não entendia o porquê de nunca ter sido convidado para fazer parte - a não ser quando minha mãe, com muita insistência, obrigava a me levarem junto. Com o tempo fui entendendo e, então, descobri a fonte do problema: era eu. A *bicha*⁸, a costura que não fecha, o retalho que destoa... a diferença que se tornava impossível de ignorar.

⁸ Compreendo o termo de acordo com os estudos de Zamboni (2016), que classifica a bicha como: “Invenção contemporânea de uma vi(d)a, meio de viver, território com múltiplas e variantes possibilidades de se colocar no

Não guardo rancor de nenhum deles. Hoje, as relações são diferentes — mais seguras, mais acolhedoras. Entendo que, na época, agiram como qualquer outra pessoa cis heteronormativa agiria, influenciada pelas convenções determinadas pela sociedade. Diante dessas relações, fui aos poucos me afastando, sempre com a desculpa de que não queria ir ou não gostava de sair - uma mentira contada pra convencer a mim mesmo. No fim, eu acabava me escondendo nas figuras femininas da minha família, que mesmo com certa estranheza, me olhavam na altura dos olhos, sem distinções.

Agradeço muito à minha avó Celina, que Deus a tenha onde estiver. Ela nunca me limitou dentro de sua casa. Mesmo quando eu pegava suas roupas para me fantasiar de *popstar* com minhas primas, ela não me questionava. Eu sentia, naquele momento, que ali era refúgio, novelo que emaranha e afaga, costura que enlaça, um espaço onde eu poderia ser sem pensar muito. Sinto muito por ela não estar mais neste plano, por não poder ver de perto tudo o que conquistei, todo o meu poder e minha glória. Porque, no fundo, sem precisar dizer uma palavra, sei que ela sempre soube de tudo.

Retomando a linha cortante da fé, que conduz este retalho, ainda na transição entre infância e adolescência — uma fase marcada por percepções cruéis que jamais deveriam pesar sobre alguém tão jovem — busco no Deus cristão a resposta: como se ele pudesse dar sentido às angústias que me assombravam.

Na igreja, nunca tive a coragem de perguntar diretamente sobre questões de gênero ou sexualidade, mas uma série de “porquês” rondavam a minha mente. Como podia assimilar a mensagem de Jesus, filho de Deus, que diz em Levítico (19:18): “[...] amarás o próximo como a ti mesmo [...]” (Bíblia, 2010, p. 265), com o que eu ouvia nas aulas de catequese? O que me chegava era um monte de julgamentos e maldições disfarçadas de conselhos divinos, sempre direcionados aqueles que não se encaixavam nos moldes da ordem cristã. E, de alguma forma, eu tinha uma estranha sensação de que tudo aquilo estava falando também sobre mim.

Aos poucos, fui me afastando daquela mesa que não me costurava. Comecei parando de frequentar a catequese, depois me distanciei das artes que aquele ambiente me oferecia, até mesmo das missas que antes eu nunca deixava de ir. E, por fim, deixei para trás aquele lugar que, por tanto tempo, definiu minha relação com o sagrado. Mas ao fazer isso, caí em um

mundo, uma própria invenção de mundos, isso é a bicha. É? Eis outra dimensão do problema: a bicha interroga o que seja ser alguma coisa, desmonta o estatuto do ser no pensamento. Ela perturba os códigos e rituais que nos fazem acreditar que somos algo. Radical, a bicha questiona qualquer fundamento possível para o ser, especificamente o humano das democracias modernas. Uma figura problemática, uma personagem incômoda, corruptiva das imagens estáveis e confortáveis que criamos para nós mesmos. A bicha configura uma insistente problematização do que somos, rejeitando as finais soluções — que são sempre propostas pretendendo exterminar o problema, (dis)solver suas (com)posições.” (Zamboni, 2016, p. 12)

abismo profundo. Fui condicionado a acreditar que a igreja era a única ligação entre mim e Deus, e que ao me afastar dela, essa conexão seria destruída. Enquanto isso, na louca experiência que é a adolescência, ainda me via forçado a lidar com questões internas e uma sociedade que se esforçava para me negar o direito simplesmente existir.

Foi no fim da adolescência, enquanto começava a me aprofundar nas questões raciais e a buscar meu próprio letramento, que também passei a me aproximar das questões de gênero e sexualidade. Era uma época de muitos questionamentos (entre 2015 e 2017), quando ainda era usada a sigla LGBTQ+ para nos identificar e eu tentava entender onde me encaixava dentro dessas caixinhas. Foi nesse período que, de algum modo, me reconectei com o sagrado. Não mais a partir da doutrina religiosa que me foi imposta, nem da construção cristã sobre quem seria Deus, mas de uma compreensão mais ampla: a ideia de que existem energias no universo, forças invisíveis e poderosas, que muitas vezes não sabemos nomear, mas que de alguma forma nos alimentam espiritualmente. Como a artista Linn da Quebrada disse em uma entrevista para o *podcast Podpah* em 2022⁹, Deus é uma palavra composta “D’eus”, pois contém “eu” em si”. Ela afirma que só pode acreditar em um Deus que também acredite nela, e eu me identifico profundamente com essa fala. Foi nessa perspectiva que consegui me costurar de volta à fé, não como algo imposto, mas como algo que ressoava genuinamente com o que eu sou.

No editorial, eu retrato esse momento fazendo uma analogia à Divina Providência. Se, para o catolicismo, a Divina Providência é a ação de Deus no mundo — que governa, guia e sustenta tudo o que existe, segundo Seu plano e sabedoria divina —, para corpos como o meu, essa providência não vem do céu, mas das ruas. Ela se encontra na força das almas que compartilham as mesmas dores. A Divina Providência, neste editorial, é uma navalha afiada, pronta para cortar os fiapos de opressão que desfiguram a costura desse tecido.

Trago também a figura de Nossa Senhora da Soledade, padroeira de Acupe, que simboliza a tristeza profunda e fúnebre de Maria ao testemunhar a morte de seu filho Jesus, apenas por ser quem ele era. Ela representa a mãe forte que, mesmo na solidão e diante da dor insuportável, não perde a fé. Aqui, busco representar também a Soledade que chora e lamenta a morte de outros filhos de Deus: a população LGBTQIAPN+, que perde suas vidas todos os dias no Brasil, vítimas de crimes de ódio.

O Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2024), em seu levantamento sobre 2023, revela uma realidade brutal: o Brasil assassinou, em média, um LGBT a cada 38 horas. O estudo ainda aponta que ocorreram 230 mortes LGBT de forma violenta no país.

⁹ Entrevista concedida no *podcast Podpah* em 2022, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=mZUTVJcTjc>> Acesso: 15 de nov. 2024

Dessas mortes, 184 foram assassinatos, 18 suicídios e 28 outras causas. Esses números são uma manifestação da violência constante que persiste contra aqueles que simplesmente existem.

Encerro essa costura por aqui (sem me importar em cortar arestas e nem de alinhar fiapos). Acredito que existam lençóis que, mesmo muito bem costurados, não consigam esquentar o corpo. É o caso desse. Meu único desejo é que a tesoura dessas estatísticas não me alcance e corte a linha da minha vida.

5. ACABAMENTO EM VIÉS

Sinto que a costura dessa colcha de retalhos ainda não chegou ao fim, e o que deveria ser o fechamento de um ciclo ainda está longe de ser finalizado. Quase quatro meses de trabalho, e esse lençol só consegue cobrir metade do corpo. Mas há algo profundamente transformador nesse processo: ele me permitiu olhar para minha comunidade Acupe, com um olhar mais atento e sensível como nunca antes. Cada ponto, cada pedaço de tecido costurado, tem sido uma jornada de autoconhecimento e cura, um verdadeiro processo de me reconectar com minha existência. Essa colcha se tornou um reflexo de mim mesmo, das minhas dores e das minhas curas.

Este memorial também marca o encerramento de uma trajetória na graduação: mais uma colcha de retalhos que construí ao longo do caminho. Dei o meu melhor em cada etapa e nesse “fim/(re)começo” me vejo transformado em um pesquisador mais sensível e humano, mas igualmente potente e determinado. Cada experiência vivida se entrelaçou e, ao olhar para trás, vejo o quanto cresci e me fortaleci nesse processo.

Espero que este editorial sirva como fonte de inspiração para todos que tiverem acesso a ele, especialmente para as pessoas de Acupe. Desejo que ele encontre espaço nas escolas e em outros ambientes formativos, tornando-se uma ferramenta viva de aprendizado e reflexão. Meu maior desejo é que ele não seja apenas um produto guardado na minha mente, mas algo que ganhe vida, se espalhe e toque outras pessoas de maneira significativa.

Quero seguir costurando essa colcha, porque sinto que ainda há muitos retalhos a serem unidos para expandir o editorial *AMÔLÊ.PEDASU – Retalhos de Acupe*. Sinto que ficaram faltando peças importantes: a música, a dança, a infância, a natureza... muitos outros elementos. Mas assim, encerro este memorial como se fosse um acabamento em viés – uma técnica que sela as bordas, evitando o desfiamento e garantindo que a costura permaneça intacta, resistente e com durabilidade. Cada ponto dado, cada retalho costurado, vai além da costura. É um processo de preservação e de afirmação da minha cultura.

LINHAS GUIAS

ARAÚJO, Gabriel Antunes de; HAGEMEIJER, Tjerk. **Dicionário Livre Santomé/Português**. São Paulo: Hedra, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/31028/1/Araujo&Hagemeijer2013.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024

ARAÚJO, Nélon de. **Pequenos Mundos- Um Panorama da Cultura Popular da Bahia**. O Maculelê de Santo Amaro e o Nego-fugido do Acupe. Camaçari: Empresa Gráfica da Bahia, 1986.

BEZERRA, Amáli Cristina Alves. **FESTA E CIDADE**: entrelaçamentos e proximidades. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura- UERJ, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 2. ed. São Paulo: Editora SBB, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/01/3/18.php>>. Acesso em: 01 nov. 2024

FRANÇA, Xênia. Pra que me chamas? Interprete: Xênia França. In: XENIA. Brasil: Natura Musical, 2017. Faixa 1.

IBGE. **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**. Agência IBGE de Notícias, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LIMA, Maria Elisângela Costa. **O diário de artista; uma jornada de autoexpressão e processo criativo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidade) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção/Ceará, 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: NASCIMENTO, Beatriz. RATTIS, Alex (org). **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombo e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7514056/mod_resource/content/1/Beatriz%20Nascimento%20-%20Uma%20histo%CC%81ria%20feita%20por%20ma%CC%83os%20negras-Zahar%20%282021%29.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024

PINTO, Monilson dos Santos. **A bananeira que sangra: desobediência epistêmica, pedagogias e poéticas insurgentes nas aparições do Nego Fugido**. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27155/tde-27042022-114111/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OBSERVATÓRIO MORTES E VIOLÊNCIAS LGBT. **Mortes LGBT 2023**. Observatório Mortes e Violências LGBT Brasil, 2023. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Ariel Lucas; MIGUEZ, Paulo. Cultura, Festa e Cidade: Tecendo Relações. **Revista Observatório da Diversidade Cultural**, v. 01, p. 19-27, 2014.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. (Coleção Tendências, v. 4)

TORRICO, Erick. Para uma Comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 3, p. 89–107, 2019. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v13i3p89-107](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p89-107). Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/159957>. Acesso em: 17 nov. 2024.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual**. 2016. 115 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

AMÔLÊ.PEDASU

Retalhos de Acupe

Este editorial é a peça mais poderosa que consigo tecer até agora, e você terá o privilégio de desenrolar as costuras mais profundas de minha mente. Mas antes, algumas orientações, como quem ajusta o ponto final de uma peça que ainda precisa de cuidado:

1- Desaprenda a nadar para se afogar nas águas fartas e salinas de Acupe, como quem solta o fio e deixa o tecido se desenrolar. Não tenha medo, pois é no desencontro dos pontos que a trama da vida se revela em suas nuances e mistérios.

2- Em qualquer sinal de verdade absoluta, me queime em praça pública, como quem desfaz um bordado solto. Este editorial é um ponto de vista, e como qualquer ponto, ele pode ser desfeito e refeito. Por isso, leia como quem costura novas perspectivas, sem medo de desatar nós.

3- Determino que você só pare de ler este editorial quando sua mente começar a costurar novas páginas, criando novos fios de imagens e imaginários. Que as palavras aqui não sejam apenas letras, mas encantamentos.

4-Para os acuPENSEs: que em nós, tudo se torne ODARA, como um bordado de esperança que une passado, presente e futuro em um único fio dourado de luz.

Editor

Alan Barbosa

Direção de arte

Alan Barbosa, Juliana Carolina

Diagramação

Alan Barbosa

Fotografia

Alan Barbosa, Juliana Carolina

Colaboração

Coletivo acuPENSEs

Juliana Carolina

Luisa Oliveira

Maia Gonçalves

Sandra Bulcão

Sibele Bulcão

sumário

5

AMÔLÊ-PEDASU

7

**RETALHO I: TERRA QUE
FERVE: CULTURA E
IDENTIDADE**

11

**RETALHO II: O
TRABALHO**

23

**RETALHO III:
PODER&GLÓRIA**

34

ACABAMENTO EM VIÉS

AMÔLÊ

Nos tempos de minha avó, restos de tecidos viravam **retalho**. A diferença na semântica dos termos é dada pelo valor atribuído. Resto de tecido é lixo que se descarta, já o **retalho** vira fuxico, toalha para enfeitar a mesa, tapete para tirar areia dos pés, lençol para se cobrir no frio. A costura de vários **retalhos** cria um novo tecido, único, moldado de acordo com as mais variadas necessidades - o importante é a beleza e a funcionalidade.

Na Ilha de São Tomé e Príncipe, país da África Central, existe um termo em santome que abraça os sentimentos envolvidos nesse editorial, como também o titula: amôlê-pedasu.

De acordo com o Dicionário livre santome/português (Araújo; Hagemeijer, 2013), o *santome* é: “[...] também conhecido como forro, fôlô, lungwa santome, dialeto ou são-tomense, é uma língua crioula de base lexical portuguesa que surgiu no século xvi, na ilha de São Tomé, fruto do contacto entre o português e diversas línguas do continente africano. Depois do português, língua oficial, o santome é a segunda língua mais falada na República de São Tomé e Príncipe, mas não goza, atualmente, de estatuto oficial, embora tenha sido declarada uma das línguas nacionais, ao lado do angolano (ngola) e do principense (lung’ie).”

PEDASU

o termo significa manta ou peça de vestuário à base de **retalhos**. Porém, é separando as palavras que o termo se torna mais especial para o contexto desse projeto: **amôê** significa **amor** e **pedasu**, **pedaço**. Interpreto, então, como **amor em pedaços/retalhos**. São vários pedaços de mim, de Acupe, que juntos formam o amor; e é dessa forma que me costuro nas palavras e no processo criativo do editorial.

Mas, o que isso tem a ver com Acupe? Tudo. Para a criação desse editorial, precisei recorrer à minha Biblioteca de Alexandria: minha casa. E nessa (re)visita encontrei os lençóis de retalhos costurados por minha avó, numa época em que o dinheiro só tinha a função de matar a fome.

Percebi que, igual àqueles lençóis, formados por pequenos pedaços de tecidos, que, a priori, podem não combinar esteticamente uns com os outros, Acupe também se costura. Tudo está estritamente ligado: não é possível falar de Acupe sem falar de quilombo, sem falar da pesca, da mariscagem, das manifestações culturais, da fé.

Espero que este editorial sirva como fonte de inspiração para todos que tiverem acesso a ele, especialmente para as pessoas de Acupe. Desejo que ele encontre espaço nas escolas e em outros ambientes formativos, tornando-se uma ferramenta viva de aprendizado e reflexão. Que ganhe vida, se espalhe e toque outras pessoas de maneira significativa.

RETALHO I: TERRA QUE FERVE

CULTURA E IDENTIDADE

Após separar os materiais e enfiar a linha na agulha, chegou o momento de começar a costurar este lençol. Com este primeiro retalho, vou traçar o percurso de onde venho, de onde todo o meu povo acupense veio e como se estabeleceu nessa terra.

Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, é uma das comunidades quilombolas do recôncavo baiano com uma população ativa na sua cultura ancestral. A comunidade, predominantemente composta por descendentes de africanos e originários Tupinambás, preserva suas raízes por meio de práticas culturais que se apresentam nos modos de vida que ainda marcam o cotidiano dos acupenses. O envolvimento da população nas práticas culturais e na transmissão de saberes para as novas gerações é um dos principais pilares da resistência e da identidade local.

Os povos africanos que cruzaram o Atlântico, dos quais nós acupenses somos descendentes, foram forçados a atravessar o mar durante o período cruel e traiçoeiro da colonização, separados de suas famílias, línguas, culturas e terras. Ao mesmo tempo, os povos originários, que são os verdadeiros donos dessa terra, enfrentavam um processo de extermínio e epistemicídio.

Neste território, os negros escravizados, uma vez alforriados, e os povos indígenas tupinambás — que nomearam a comunidade de Acupe (que significa "Terra Quente"). A comunidade obteve o título de comunidade quilombola no ano de 2010, após a criação da Associação Quilombola de Acupe, que ocorreu entre 2009 e 2010.

"ACUPE, CUJO NOME JÁ DIZ: TERRA QUENTE, ONDE A CULTURA É FLUENTE E JAMAIS MORRERÁ... NÃO, NÃO, NÃO...".

Esse trecho, cantado pela banda de reggae acupense **Só Roots**, na música "**Acupe**", consegue captar a energia que emerge dessa terra; e é aí que começa a costura do primeiro retalho. Neste sub-capítulo, meu olhar também se lança sobre a preciosa cultura quilombola que reluz na comunidade, sobre as manifestações culturais que, como ouro, abrilhanta e fortalece a identidade racial negra em **Acupe**. Quero ir para além da celebração de julho, quero buscar entender como essas expressões, essas raízes se espalham e se afirmam nos outros dias do ano. Em **Acupe**, a cultura não tem data; ela é perpétua, em cada dança, tecido, cantigas, em cada batuque.

Dentro do calendário cultural do distrito, podemos destacar as ações no mês de julho, quando as manifestações culturais como o **Nego Fugido**, **Careta de Palha**, **Mandus e Bombachas** entre outras estremeçam as ruas de **Acupe** durante todos os domingos. Nesse subcapítulo, decidi reduzir a utilização de referenciais acadêmicos e dar foco à experiência sensorial e visual das manifestações culturais de **Acupe**.

Acredito que a vivência e o olhar atento para as práticas culturais vão oferecer uma compreensão mais profunda sobre o que é produzido e vivido por mim e pela minha comunidade, para dar mais proximidade na produção das fotografias do editorial.

omeço com a mais famosa e emblemática – o **Nego Fugido** – único no mundo inteiro. Nessa milenar e ancestral manifestação, na qual não possui registros de quando começou, retrata a verdadeira história de libertação dos povos escravizados, a história não contada nos livros didáticos. Aqui não existe princesa Isabel, nem uma liberdade dada pelo branco colonizador; nessa aparição **quem consegue a liberdade é a base, o seio, o coletivo preto**.

O **Nego Fugido** é uma manifestação cultural onde retrata artisticamente, a luta e resistência dos negros escravizados em tentativa de fuga e liberdade dos engenhos. Fazem parte da aparição os seguintes personagens: capitão do mato, caçadores, negas, madrinha, rei, soldados, tocadores e cantadores. Cada um desses personagens é inspirado na realidade de todo processo de escravização.

Antes de seguir, quero abrir um parêntese, trazendo o exemplo do **Nego Fugido** para provocar uma reflexão sobre essas tentativas de classificação. **Afinal, o que é o Nego Fugido?** Teatro? Dança? Performance? Eu te desafio a tentar encaixar essa manifestação ou qualquer outra de **Acupe** em uma única categoria. Ela carrega elementos de várias linguagens artísticas, mas não se limita a nenhuma delas. Lembro-me de um episódio recente, em julho desse ano (2024), quando um colega de fora, durante a prisão do rei no último domingo, me questionou insistentemente sobre qual música tocava no **Nego Fugido**: se era samba de roda, candomblé ou algo específico. Minha resposta foi simples e direta: **"É o que é: Nego Fugido."**

Seguindo a costura, no mês de julho **Acupe** se transforma em um palco vibrante com as aparições das **Caretas de Palha, Mandus e Bombachos**, que tomam as ruas acompanhados por um samba de roda. As **Caretas de Palha**, com suas máscaras artesanais feitas de barro branco, papel de saco de cimento e goma de mandioca, sempre trazem uma estética inclinada para o horror. Seus trajes, com saias de palha de bananeira e tecidos coloridos, carregam a história de resistência e fuga, mas levando para as ruas de uma forma leve. Dizem os mais antigos, que as **Caretas** surgiram quando, em uma festa feita por um senhor de engenho, um negro escravizado se disfarçou de careta, dançou com os convidados e depois conseguiu escapar. O ato de "escarrerar" – a palavra que usamos aqui para descrever a ação de correr atrás das pessoas – é uma das características mais marcantes dessa aparição. A comunidade, e em especial as crianças, apesar de ficarem assustadas com a aparência das máscaras, adoram provocá-las só para que corram atrás delas, como um reflexo do desejo de fuga que permeia essa manifestação.

Junto às **Caretas**, os **Mandus** e **Bombachos** surgem como figuras misteriosas e cômicas, com a missão de afastar as energias negativas da comunidade. O **Mandu**, envolto em um tecido que cria a ilusão de um ser de estatura baixa e com uma cabeça desproporcional, mistura o místico e o engraçado. Sua dança, sua forma de se movimentar, é uma prova de que há mais do que olhos podem ver. Já os **Bombachos** ou **Bombachas**, feito com um único tecido que cobre braços e rosto, é enigmático.

Ambas as aparições, assim como as **Caretas**, compartilham uma característica de outras manifestações de Acupe: **o esconder rosto, da identidade**. Nesse sentido, lembro de uma conversa que tive com Sibebe Bulcão (amiga, bailarina, assistente social, arte-educadora, interprete de libras e licenciada em Dança pela UFBA.) e ela me fez uma provocação profunda: **ao pintar o rosto ou cobri-lo com máscaras, as manifestações culturais de Acupe estão escondendo ou revelando algo?** Uma questão que abre um vasto campo para refletirmos sobre as camadas de identidade e que tomo como ponto importante para criar as imagens do editorial.

Essa provocação ainda ecoa na minha mente. Ao refletir sobre as manifestações culturais de Acupe, tenho me convencido de que elas não escondem os rostos por uma questão estética ou misteriosa, mas para invocar e evocar o ancestral. Ao cobrir seus rostos com máscaras ou pinturas, a comunidade rememora as histórias de resistência que atravessam séculos. Essa prática ancestral não é apenas simbólica, é um chamado, um ato reverenciar as energias que jamais se dissipam. Fazendo isso, ao invocar o ancestral, essas manifestações oferecem um alívio para as almas de um povo que ainda carrega a dor da escravidão e do silenciamento. Elas continuam a clamar, até que a verdadeira liberdade, seja finalmente conquistada.

E é nesse ponto que vejo a magia e poder das aparições culturais de Acupe: elas não são apenas um espetáculo. Elas são um reflexo profundo da história de resistência do povo acupense. Esses símbolos estéticos e corpóreos funcionam como um *abebé*, um espelho sagrado que reflete não o que vemos, mas o que somos. Eles nos ligam com algo que transcende o tempo, uma linha invisível que nos conecta diretamente aos nossos ancestrais. E mais importante, nos lembram de que a liberdade não é um ponto final, mas uma jornada que demanda luta, memória e transformação.



Território de brincar





RETALHO II:
O TRABALHO

É no caminho das águas que reluz o mais precioso ouro de Acupe: os pescados e os mariscos (24 quilates, pesado e puro, fonte ancestral de sobrevivência). É do Porto que gerações puderam **tecer redes de presentes e futuros prósperos** – costuradas por mãos calejadas e suores que avolumavam o mar.





Nesse bordado lembro de umas publicações no Instagram que tinham dizeres do tipo *“trabalhe enquanto eles dormem, que assim você alcançará sucesso e riqueza”*, *“ascensão financeira só vem se você trabalhar bastante”*, uns papinhos de quem sempre dormiu enquanto os outros trabalhavam. Não faço nesse sub-capítulo qualquer juízo se desejar dinheiro e riqueza é certo ou errado, ou se isso reforça alguma estrutura capitalista.

A única certeza que tenho é que o dinheiro em uma gestão honesta e igualitária resolveria parte dos problemas de meu povo e nós raramente temos a oportunidade de experienciar a tranquilidade que esse acué- palavra em Pajubá, dialeto criado por travestis e popularizado na comunidade LGBTQIAPN+, misturando o português com termos em yorubá, no qual significa dinheiro- proporciona.

SE TRABALHAR TANTO RESULTA EM RIQUEZA, POR QUE MEU POVO AINDA NÃO ESTÁ MILIONÁRIO? E , SEM ROMANTIZAR, QUAL A RIQUEZA GERADA PELO TRABALHO DOS ACUPENSES?

A resposta da primeira pergunta pra mim é muito clara: racismo e desigualdade– não só, mas principalmente. Nunca foi desejo do branco, aquele que se colocou no topo da pirâmide social, que as pessoas negras e indígenas atingissem os mesmos status que eles, porque isso quebraria a hierarquia social-econômica construída, a partir da dominação e da separação por classes. Nesse sentido, concordo com Beatriz do Nascimento (2010) quando ela diz que numa sociedade como a nossa, onde a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preenchê-los.

Respondendo a segunda pergunta, trago primeiramente as atividades de pesca e mariscagem exercidas pela maioria da população acupense - uma atividade que ficou de herança ancestral dos povos originários dessa terra. É no caminho das águas que reluz o mais precioso ouro de Acupe: os mariscos (24 quilates, pesado e puro, fonte ancestral de sobrevivência). É do Porto que gerações puderam tecer redes de presentes e futuros prósperos – costuradas por mãos calejadas e suores que avolumavam o mar.





“NO DIA QUE TIREI AS FOTOS NO PORTO DE ACUPE, PELA MANHÃ BEM CEDINHO, FIZEMOS UM PASSEIO DE CANOA. NUMA CONVERSA INFORMAL, ALGUÉM PERGUNTOU A UM DOS TRABALHADORES, QUE ESTAVA INDO PESCAR, QUE HORAS ELES RETORNARIAM PRA CASA, E ELES RESPONDERAM QUE NÃO SABIAM, QUE IRIA DEPENDER DA MARÉ: PODERIA SER 17H DA TARDE OU 22H DA NOITE. ESSE É UM EXEMPLO DO TEMPO DE TRABALHO QUE É EXERCIDO POR UM PESCADOR ACUPENSE, QUE EXTRAPOLA AS DISCUSSÕES ATUAIS SOBRE ESCALAS DE TRABALHOS.”

A principal atividade da população local é a pesca artesanal e a mariscagem, funções essas que em boa parte das famílias se tornam a única fonte de renda. A comunidade se caracteriza por ser uma das maiores comunidades pesqueiras do Estado e por possuir uma grande diversidade de espécies.

A riqueza do trabalho acupense vem, primeiramente, da ancestralidade, do modo único de pescar e mariscar. Como disse no início do parágrafo anterior, foram essas as principais fontes de rendas que fizeram com que a minha geração, por exemplo, pudesse chegar até a universidade e fabular diferentes futuros.

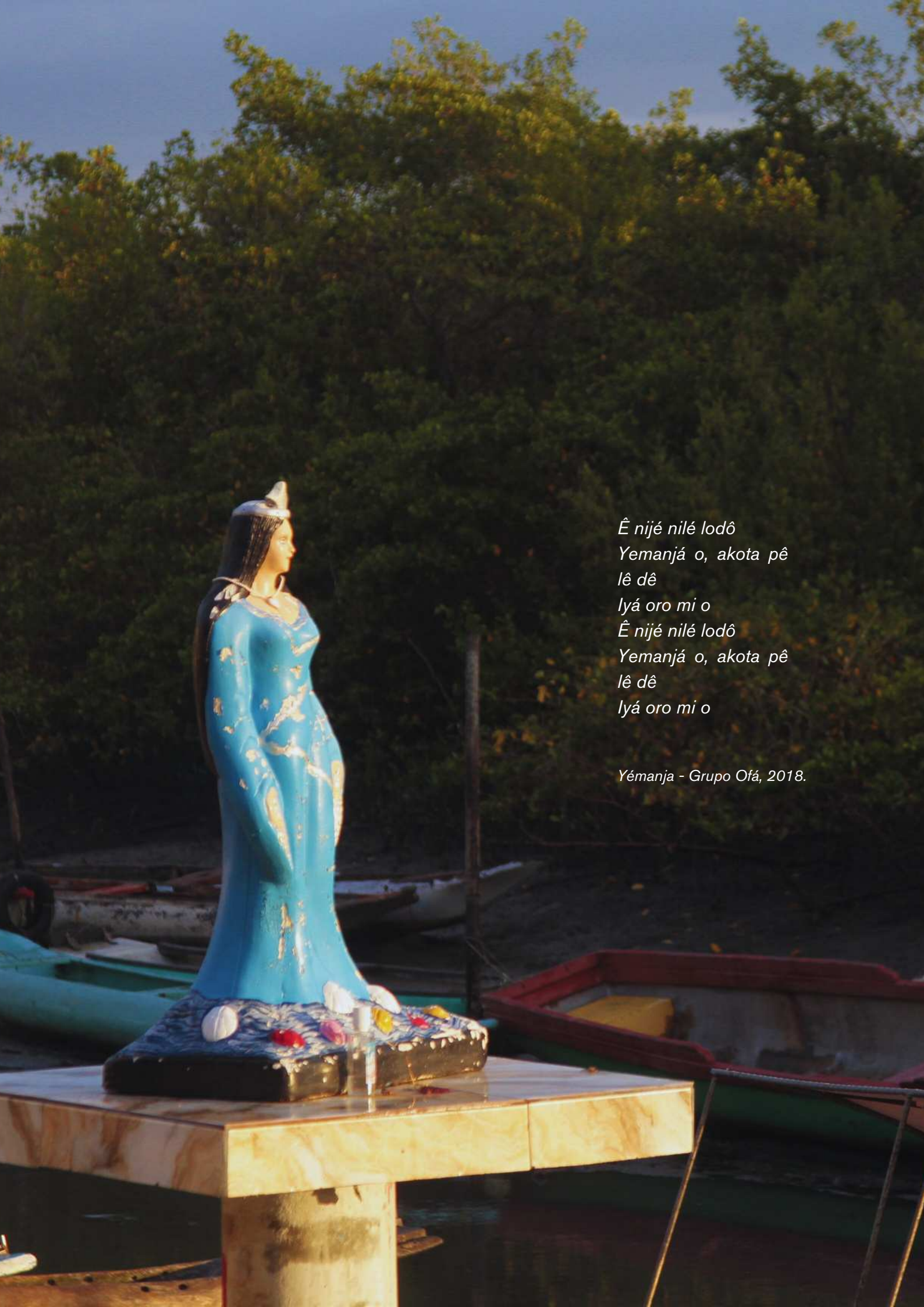
A base da pescaria acupense é tecida na rede com calma e precisão, entrelaçando fios que se cruzam como uma trama complexa e funcional. Cada ponto é cuidadosamente alinhado, criando uma malha forte e segura, pronta para a pescaria. As mãos dão forma à rede que, com o tempo, se torna uma ferramenta essencial para o trabalho. O som do fio passando entre os dedos mistura-se ao do mar ao fundo, enquanto a rede cresce, constante, como uma ponte entre o ser humano e a água. É um trabalho de paciência, onde cada laçada tem sua razão e seu propósito.









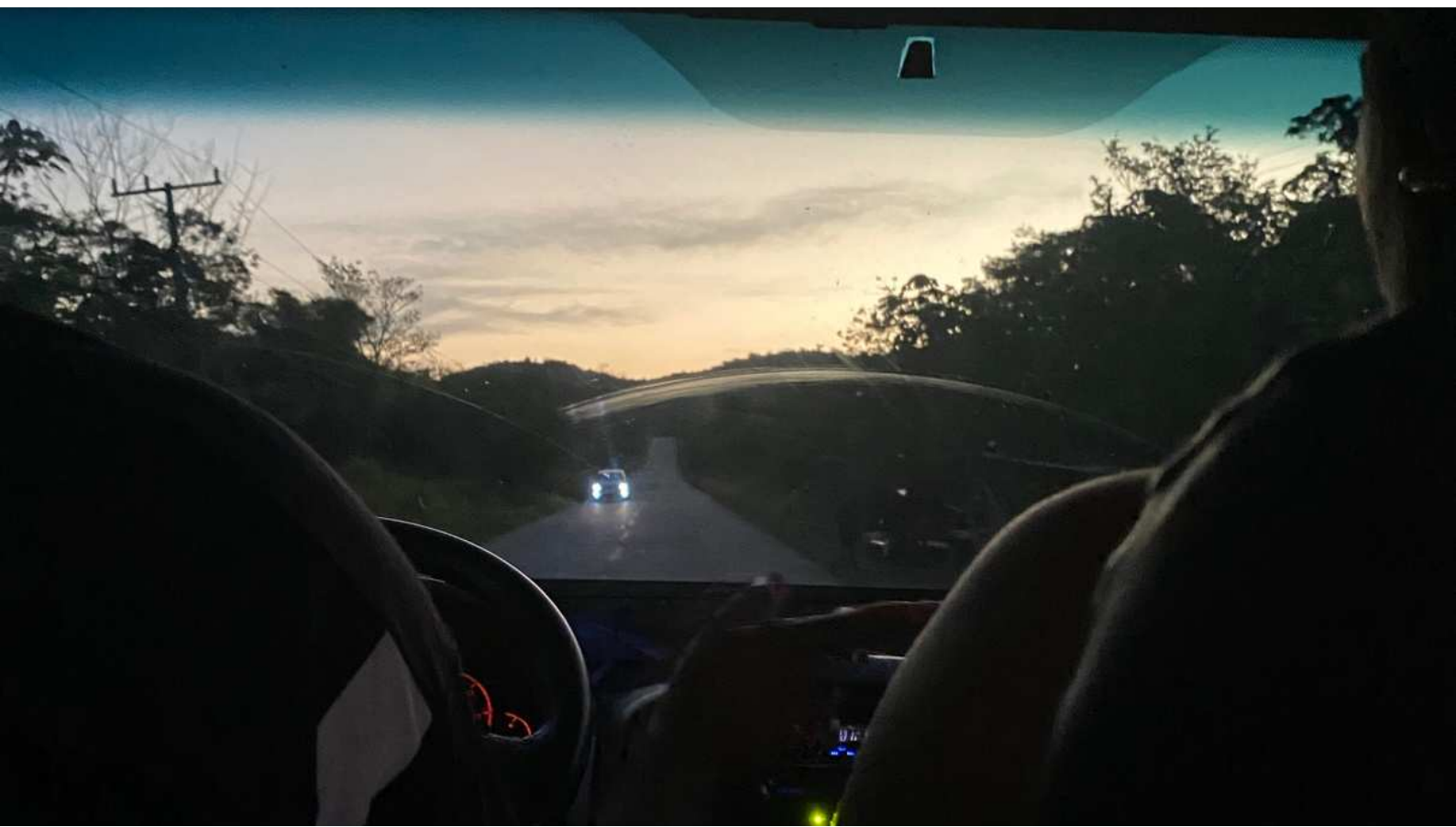


*Ê nijé nilé lodô
Yemanjá o, akota pê
lê dê
Iyá oro mi o
Ê nijé nilé lodô
Yemanjá o, akota pê
lê dê
Iyá oro mi o*

Yémanja - Grupo Ofá, 2018.



Os trabalhos autônomos são uma forma importante de complementar a renda de quem vive em Acupe, pois sendo uma cidade do interior da Bahia – onde as oportunidades já são reduzidas - as possibilidades de trabalho com registro formal são limitadas, então a população busca outras alternativas de sobrevivência: como a pesca artesanal e a mariscagem já pontuadas acima, atividades rurais e outros trabalhos como **mototáxi, motorista de van, rifa e comércio**.





O corre da rifa. 4 pra 100.



RETALHO III:

**PODER
&
GLÓRIA**

“Se é que já provastes que nós
somos só

Poder e Glória

[...]

Erguer dutos em nossos átrios
Que sustentem como corais
As da caatinga, as cerrado, as
pantanosas
As amazônicas, **as recôncavas**, as
pampas
As sertanejas, as da zona da mata
Inconfundíveis (Aleluia!)
Inevitavelmente retumbantes
Vividamente abundantes
Gordas, gordas, gordas de poder
Nanotecnologicamente vitoriosas”

Me furei várias vezes com a **agulha enferrujada** na costura deste **retalho** e, diante mão, peço desculpas, caso esta parte do lençol guarde marcas do **sangue** que derramei. Infelizmente, por mais que se lave com o alvejante mais forte, essa mancha vai permanecer, como um eco imutável de dor que, como a de tantas pessoas **LGBTQIAPN+** (Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não binário e o + representa as outras orientações sexuais e identidades de gêneros), é feita de violência e silenciamento. A mancha resiste, mesmo quando tentamos arrancar da alma – permanecendo como um eterno lembrete de que o presente dado pela sociedade para corpos como o meu, é o **sufocamento**.

O Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2024), em seu levantamento sobre 2023, revela uma realidade brutal: o Brasil **assassinou**, em média, um LGBT a cada 38 horas. O estudo ainda aponta que ocorreram 230 mortes LGBT de forma violenta no país. Dessas mortes, 184 foram assassinatos, 18 suicídios e 28 outras causas. Esses números são uma manifestação da violência constante que persiste contra aqueles que simplesmente existem.

Trago aqui a figura de **Nossa Senhora da Soledade**, padroeira de Acupe, que simboliza a tristeza profunda e fúnebre de Maria ao testemunhar a morte de seu filho Jesus, apenas por ser quem ele era. Ela representa a mãe forte que, mesmo na solidão e diante da dor insuportável, não perde a fé. Aqui, busco representar também a **Soledade** que chora e lamenta a morte de outros filhos de Deus: a população LGBTQIAPN+, que perde suas vidas todos os dias no Brasil, vítimas de crimes de ódio.

Oração a Nossa Senhora da Soledade

“Virgem digna de todo o louvor, Senhora da Soledade, Vós que permanecestes de pé junto à Cruz do vosso Divino Filho Jesus, e às suas palavras: “Mulher, eis o teu filho”- “Filho, eis a tua Mãe”, – tornaste-Vos nossa Mãe; acolhei, com bondade, a nossa prece filial.

Santíssima Virgem Maria, Ó Senhora da Soledade, assim como o discípulo acolheu-Vos em sua casa, também nós queremos abrir-Vos as portas dos nossos corações, dos nossos lares,

CONSAGRANDO-VOS toda a nossa vida: passada, presente e futura.

Exercei, pois, Vossa função de Mãe, ensinando-nos a viver, em todos os momentos, a vontade de Deus, levando-nos, assim, a imitar o Vosso SIM de Nazaré, que culminou com o SIM do Calvário.

Vinde, ó Mãe, em socorro de nossas angústias, não permitindo que nos desviemos do caminho do bem, da verdade e do amor!

Conduzi as nossas vidas ao porto seguro da salvação, que é: JESUS!

Nossa Senhora da Soledade, rogai por nós!”

Pai-Nosso

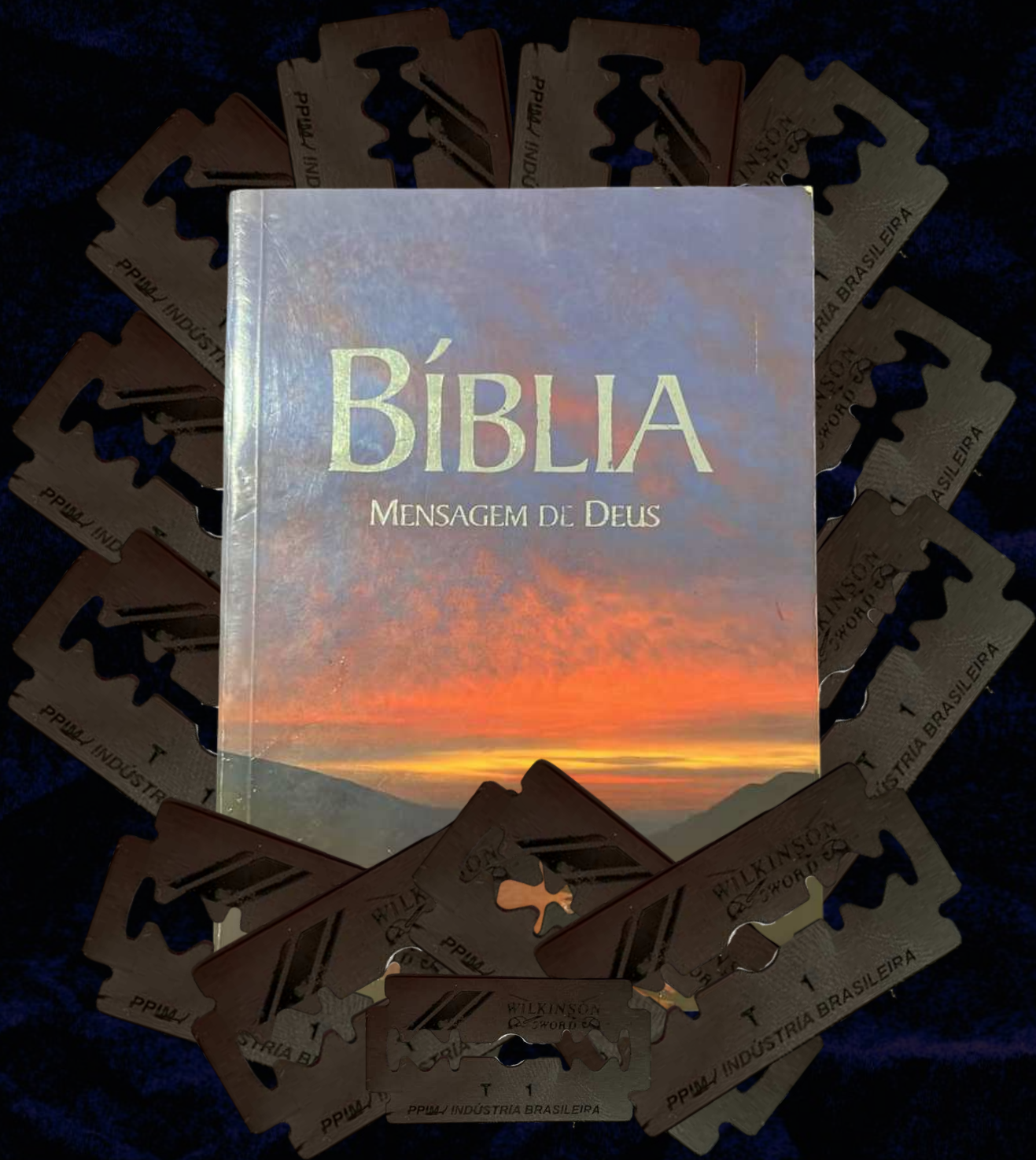
Ave-Maria

Nossa Senhora da Soledade



Rogai por nós!





Se, para o catolicismo, a **Divina Providência** é a ação de Deus no mundo — que governa, guia e sustenta tudo o que existe, segundo Seu plano e sabedoria divina —, para corpos como o meu, essa providência não vem do céu, mas das **ruas**. Ela se encontra na força das almas que compartilham as mesmas dores. A **Divina Providência**, neste editorial, é uma **navalha afiada**, pronta para cortar os fiapos de opressão que desfiguram a costura desse **tecido**.



DIVINA
PROVIDÊNCIA

DEUS





"**Deus** é uma palavra composta de "**Eus**". **Deus** tem **EU** em si e eu só posso acreditar num **d'eus** que também **acredite em mim.**"

Linn da Quebrada, 2020

Encerro essa costura por aqui (sem me importar em cortar arestas e nem de alinhavar fiapos). Acredito que existam lençóis que, mesmo muito bem costurados, não consigam esquentar o corpo. É o caso desse. Meu único desejo é que a tesoura dessas estatísticas não me alcance.

ACABAMENTO

EM VIÉS

Sinto que a costura dessa colcha de retalhos ainda não chegou ao fim, e o que deveria ser o fechamento de um ciclo ainda está longe de ser finalizado. Quase quatro meses de trabalho, e esse lençol só consegue cobrir metade do corpo. Mas há algo profundamente transformador nesse processo: ele me permitiu olhar para minha comunidade Acupe, com um olhar mais atento e sensível como nunca antes. Cada ponto, cada pedaço de tecido costurado, tem sido uma jornada de autoconhecimento e cura, um verdadeiro processo de me reconectar com minha existência. Essa colcha se tornou um reflexo de mim mesmo, das minhas dores e das minhas curas.

Este memorial também marca o encerramento de uma trajetória na graduação: mais uma colcha de retalhos que construí ao longo do caminho. Dei o meu melhor em cada etapa e nesse “fim/(re)começo” me vejo transformado em um pesquisador mais sensível e humano, mas igualmente potente e determinado. Cada experiência vivida se entrelaçou e, ao olhar para trás, vejo o quanto cresci e me fortaleci nesse processo.

Espero que este editorial sirva como fonte de inspiração para todos que tiverem acesso a ele, especialmente para as pessoas de Acupe. Desejo que ele encontre espaço nas escolas e em outros ambientes formativos, tornando-se uma ferramenta viva de aprendizado e reflexão. Meu maior desejo é que ele não seja apenas um produto guardado na minha mente, mas algo que ganhe vida, se espalhe e toque outras pessoas de maneira significativa.

Quero seguir costurando essa colcha, porque sinto que ainda há muitos retalhos a serem unidos para expandir o editorial **AMÔLÊ.PEDASU – Retalhos de Acupe**. Sinto que ficaram faltando peças importantes: a música, a dança, a infância, a natureza... muitos outros elementos. Mas assim, encerro este memorial como se fosse um acabamento em viés – uma técnica que sela as bordas, evitando o desfiamento e garantindo que a costura permaneça intacta, resistente e com durabilidade. Cada ponto dado, cada retalho costurado, vai além da costura. É um processo de preservação e de afirmação da minha cultura.

AMÔLÊ.PEDASU
RETALHOS DE ACUPE

